

Relatório do Projeto de Estudo Piloto sobre  
Adolescentes Acautelados no Degase

**Paulo Roberto de Andrade Castro**

**Matrícula: 836.408-5**

**Novembro de 2002**

## **APRESENTAÇÃO**

Apresentamos no presente relatório os resultados iniciais da pesquisa-exploratória, sobre adolescentes acautelados no DEGASE, como uma descrição dos primeiros esforços para obter informações que permitam a construção de hipóteses consistentes a serem testadas em um futuro projeto ampliado.

Esse é o primeiro de três relatórios cuja periodicidade é bimestral. O presente trabalho investigativo é realizado no núcleo Biopsicosocial Anita Heloísa Mantuano. Espera-se que o presente trabalho seja de utilidade tanto ao Núcleo quanto ao DEGASE.

Nesse relatório apresento os resultados obtidos ao Diretor do Núcleo Biopsicosocial, Coordenadores da CRI e CAI e Diretor Geral do DEGASE. Este estudo piloto é orientado pelos Professores Dilson Fonseca da Mota e Luitgarde Oliveira Barros Cavalcante. Destaco não só a orientação desses Professores como também as importantes discussões realizadas no âmbito do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como fatores inspiradores para o presente trabalho.

### **AGRADECIMENTOS:**

À Lyana, pela presteza e paciência de ter digitado todo esse relatório, durante o feriado de Zumbi dos Palmares.

Aos agentes Juarez e Laerce, por me facilitarem sempre, o acesso aos adolescentes selecionados.

Ao diretor do Núcleo biopsicosocial Oracy Nunes, pelo acolhimento desse projeto e pela troca de idéias.

Ao psicólogo Alexandre, pelo dialogo constante.

## **INTRODUÇÃO**

Após dois meses de trabalho procedemos a um primeiro processamento dos materiais, dos relatos obtidos. Aqui começamos a realizar uma primeira análise dos dados empíricos que captamos nas entrevistas e na resposta dos adolescentes a um grupo de 9 perguntas fechadas que objetivavam levantar dados de identificação pessoal dos adolescentes. A organização dos dados, as relações verificadas, assim como, as primeiras avaliações não pretendem ser conclusivas.

Neste primeiro momento buscamos delimitar as primeiras variáveis que emergem no processo de entrevistas, ou seja, destacar na fala dos adolescentes elementos recorrentes que possam oferecer indicações sobre o sentido do ato infracional para esses jovens, ou que possam favorecer a opção pelo ato infracional. O que se pretende é surpreender a realidade do menor infrator através de um filamento inventivo que ultrapasse os lugares comuns existentes e as intencionalidades ideológicas.

Por se tratar de um momento inicial da investigação, não temos agora a pretensão de que as análises apresentadas sejam dotadas de um teor heurístico inquestionável. Essas primeiras análises não são portanto conclusivas, são apenas a tentativa de um diagnóstico inicial.

Deve-se acrescentar que algumas variáveis que emergiram durante a realização das entrevistas precisam ser confirmadas com a seqüência do trabalho. Espera-se que esse relatório, somado aos dois próximos, permita ao final de seis meses de estudo piloto a elaboração de um projeto ampliado que terá como uma das suas finalidades oferecer ao DEGASE uma proposta de unificação dos instrumentos de investigação empírica e coleta de dados sobre adolescentes dentro do Órgão.

## **PROCEDIMENTOS ELEMENTARES**

As entrevistas analisadas no presente relatório foram realizadas no Núcleo Biopsicosocial Anita Heloisa Mantuano. Os adolescentes selecionados para a entrevista passam antes pelo atendimento da equipe técnica que produz o parecer biopsicosocial, para estar liberado antes dos demais adolescentes.

Dessa forma, de maneira geral pude dispor de um bom tempo com os adolescentes selecionados. A seleção dos adolescentes obedeceu a critérios como: idade, nível socio-econômico e tipo de ato infracional. Esses aspectos, eu procurava captar em um primeiro contato que estabeleci com os adolescentes enquanto se encontravam na sala de recepção.

A realização de entrevistas no núcleo biopsicosocial me permite acesso à diversidade de atos infracionais, faixa de idades, etc., ou seja, me permite contato com universo representativo dos adolescentes que são acautelados no DEGASE.

Os adolescentes selecionados são previamente avisados de que ao conceder a entrevista, o fazem voluntariamente. Não existe nenhum constrangimento, ficando a eles reservada a possibilidade de não aceitar o convite.

Também são informados de que o que falam ao pesquisador não será considerado,

ou melhor, não influirá na decisão judicial da medida socioeducativa, pois, essa entrevista é sigilosa e o seu registro fica em posse apenas do pesquisador. Também são informados de que qualquer citação ao seu relato em documentos internos ou não ao serviço público não fará referência a sua identidade, que será preservada, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente.

As entrevistas tiveram uma duração que variou entre 60 (sessenta) e 150 (cento e cinquenta) minutos. Foram realizadas 29 entrevistas nessa etapa inicial e devo destacar que a receptividade dos adolescentes foi muito boa, sendo raras às vezes em que o adolescente se negava a participar.

Acreditamos que as múltiplas determinações e o sentido do ato infracional para esse adolescente dificilmente se possa captar através de questionários fechados ou inventários que não considerem a própria visão que o jovem que pratica o ato infracional tem de seu ato e de suas motivações.

Além do método de entrevistas, também se lançou mão do método de observação participante, buscando sempre que possível uma interação com os adolescentes na sala de recepção, percebendo-se as suas reações, os diálogos com os funcionários ou entre eles próprios. Esses aspectos são registrados em um diário de campo que será sempre de muita utilidade no decorrer dessa pesquisa exploratória.

Nesse relatório apresentamos a tabulação dos dados referentes à escolaridade, tipo de ato infracional e renda familiar presumida. Apresentamos ainda uma lista com a descrição das atividades laborativas desenvolvidas pelos adolescentes. Não organizamos ainda os dados referentes ao tipo de moradia e área residencial. Essas são as variáveis definidas que surgem de nove perguntas fechadas sobre elementos de identificação pessoal.

As variáveis definidas e os dados quantificados são apresentados de acordo com a conveniência para análise, em alguns casos aparecem dentro das variáveis emergentes, em outros separadamente em tabelas em anexo.

## **VARIÁVEIS EMERGENTES**

Aqui não estamos preocupados ainda com uma analítica profunda. Buscamos apenas uma organização inicial dos dados que permita a visualização de um primeiro espectro hipotético.

### **1 – Cisão das relações familiares.**

Analisando os dados provenientes da variável definida núcleo residencial, onde se registra as informações sobre qual é o núcleo residencial atual dos adolescentes; com quem ele mora; qual sua relação com os familiares e também a descrição nas entrevistas de todo o roteiro de vida no âmbito familiar, pudemos perceber algumas recorrências. A mais visível é a ausência da figura paterna. Em vários relatos, percebemos na fala dos adolescentes que, em alguns casos, a figura do tio materno pode, às vezes, ocupar em certa medida a figura do pai. Destaca-se também, a mãe como principal referencial afetivo.

Não pretendemos discutir agora todos esses papéis. Pretendemos neste primeiro relatório, destacar um dado que é muito significativo e merece atenção no curso da identificação, a ausência da figura paterna, que usando as palavras do cineasta Walter Salles, se constitui em um dado de “orfandade antropológica” desses

adolescentes. Conjugamos esse fato, o destaque também a recorrência da presença de parentes infratores no âmbito familiar como sendo um possível elemento criminógeno na socialização desses jovens.

### **A ausência da figura paterna**

Os dados que obtive na quantificação das respostas sobre o núcleo residencial dos adolescentes são os seguintes:

- mais de 2/3 dos entrevistados não residem com o pai biológico.

Apenas 5 jovens residem com o pai e em apenas 4 casos o pai reside com a mãe, ou seja, do universo de vinte e nove entrevistados, em apenas 4 casos se configura o que se poderia chamar de uma família típica.

- a principal recorrência é de casos em que o adolescente reside apenas com a mãe (para essa análise estou considerando apenas os genitores), são 11 casos. Isto quer dizer que mais de 1/3 das famílias entrevistadas nesta etapa inicial são chefiadas por mulheres.

Por fim deve-se destacar que é mais comum o arranjo familiar em que se encontra a figura do padrasto do que aquele em que está a figura do pai. Chamo a atenção para o fato de que aqueles que só residem com a mãe, grande parte das vezes já tiveram a experiência de viver com padrastos.

Devido a este fato, procurei atentamente nos relatos, falas que pudessem indicar o papel do padrasto no processo de socialização desses jovens e percebi que apenas um dos entrevistados apresentou no seu relato elementos significativos de que seu padrasto procurava exercer um papel ativo na sua formação. Segundo me conta o adolescente, esse homem seria professor de matemática e cobrava bastante seu estudo. Apesar disso, a relação entre eles era bastante conflitiva, a ponto adolescente justificar fugas para a rua em decorrência das cobranças e agressões que sofria da mãe e do padrasto.

Mesmo entre os adolescentes que moram com o padrasto, não encontramos aspectos que indiquem que este possa ter um papel ativo no processo de socialização. O que é mais comum são relatos em que a violência doméstica é atribuída a figura do

padrasto. Assim, uma jovem de 16 anos me apresenta a violência do padrasto como fator gerador da ruptura familiar. O padrasto quando bebia, me fala a garota, batia na mãe e nos filhos. Por esse motivo a mãe fugiu de casa e a adolescente fugiu para a rua. O mesmo se encontra na fala de um adolescente de 14 anos que justifica a entrada no tráfico aos 11 anos com o objetivo de vingança às agressões sofridas por ele e pela mãe, do padrasto que também ficava agressivo quando bebia.

Tanto os adolescentes que residem com a mãe quanto entre aqueles que residem com a mãe e o padrasto, não percebo muitas referências à figura do pai biológico. Alguns informantes, pelo menos em três casos, me falam que o pai é falecido. Um desses me fala que o pai era assaltante e morreu em troca de tiros com a polícia. São poucos os casos em que os adolescentes demonstram ainda manter contato com o pai biológico. Mesmo nesses casos a referência ao pai se faz associada a elementos que indicam que esses laços são frágeis. Quando perguntado sobre a vida do pai, sua ocupação etc, os adolescentes demonstram estar desinformados.

Acredito que esses elementos são suficientes para que possamos constatar uma indicação clara de que a figura paterna está ausente enquanto referencial material e afetivo no processo de socialização desses adolescentes.

### **Parentes Infratores**

Um aspecto que aparece freqüentemente na história de vida desses adolescentes é a existência de parentes infratores no núcleo familiar. Esse dado foi recorrente em mais de 1/3 dos relatos. Apresento três exemplos em que o jovem que resolveu entrar no tráfico encontrava um elemento de aproximação que era a presença de um parente próximo na “boca de fumo”.

Em um dos três casos o adolescente me oferece o seguinte relato:

*“O padrasto bebia muito e batia na minha mãe e em mim. O padrinho já tava na boca. Pedi a arma pro padrinho. O padrinho deu a arma pra minha mãe. O padrasto achou em casa, deu dois tiros pro alto, vazou e voltou no outro dia, bebendo de novo. Ele entrou pelo beco da Vila Belga. Pedi para os traficantes pra*

*matar o padrasto. Eles disseram que não recebiam ordem de criança, ai eu fui e entrei para a boca. Falei para o maluco ir lá matar o padrasto. O vizinho ficou sabendo e falou para o padrasto. O padrasto vazou e foi para Campo Grande. Entrei com 11 anos só pra ver se matava ele e fiquei uma semana e depois saí.. Entrei de novo com 13 anos.”*

Essa fala nos apresenta três aspectos da vida desse jovem que estão presentes na vida de muitos outros adolescentes. A ausência paterna e de qualquer substituto a esse papel, a violência doméstica e a presença de uma pessoa na família que exemplifica uma trajetória no delito e a possibilidade de abertura a uma rede de sociabilidade, onde o adolescente pode buscar a “segurança” que não encontra em casa.

Outro adolescente de 15 anos que também não mantém vínculo com o pai biológico, me fala que seu motivo para entrar tráfico seria a falta de emprego. Ele me diz que seu tio era “gerente” da favela e padrinho de sua irmã.

O ultimo exemplo é o de uma adolescente que me falou ser “gerente” de uma favela onde o seu primo é o “dono”. Quando perguntei como se desenvolveu o seu envolvimento com o tráfico, ele me respondeu que isso se deu devido ao fato de freqüentar a favela que é próxima a sua casa e onde seu primo já estava envolvido anteriormente.

Esses três exemplos não expressam a multiplicidade de significados que a presença do parente infrator possa ter para esses jovens, tendo em vista que alguns me falam de parentes infratores já falecidos em trocas de tiro com a polícia ou assassinados por motivo de acertos de conta na própria “vida do crime” ou ainda de parentes que largaram o delito.

Aqui, eu procuro apenas demonstrar que a presença de infratores na família possa se constituir em um elemento criminógeno que leva a uma certa tolerância ao delito no quadro de socialização desses jovens. Este fato pode ser amplificado devido à ausência da figura paterna. Supomos que esta conjunção pode ser um dos fatores que favorecem a pratica do ato infracional.



## **Uso do Dinheiro Proveniente do Ato Infracional**

Obtive referências a utilização do dinheiro proveniente do infracional em 13 das 29 entrevistas. Lembro aqui mais uma vez que o presente trabalho privilegia a obtenção informações qualitativas que ajudem a captar elementos substantivos sobre a vida desses adolescentes. Objetiva-se proceder à tipificação de algumas trajetórias. A quantificação das informações está submetida a este objetivo principal, mas também serve como parâmetro para delimitações de tendências importantes. Também destaco que de acordo com a realidade de cada entrevista e o tempo disponível para a sua realização, se opta por explorar alguns aspectos em detrimento de outros. Essa opção se pauta pela singularidade de experiências que possam ser captadas de cada informante.

Quanto ao uso do dinheiro proveniente do ato infracional, para facilitar a visualização agrupamos os relatos por tipo de ato infracional e verificamos que os adolescentes que estão acautelados ou em transito judicial pelos atos infracionais correspondentes aos artigos 155 e 157 e aqueles que foram autuados no artigo 12, não apresentam opção diferentes dos outros entrevistados em nossa amostra. Ao contrario, percebe-se uma homogeneidade em todo conjunto de relatos. Nas 13 entrevistas em que se abordou a utilização do dinheiro do ato infracional, 9 adolescentes citaram a compra de roupas como principal ou uma das principais formas de utilização do dinheiro. Além da compra de roupas os outros motivos apresentados são na maioria das vezes expressivos do desejo de consumo imediato. As roupas compradas são sempre de “marca”.

Um dos adolescentes, que me disse ter relutado em decidir assaltar uma loja, afirma ter tomado a decisão para “comprar roupas da Redley e beber no natal”. Uma adolescente que cometeu o ato infracional relativo ao artigo 155, me diz que uso o dinheiro se destinaria à compra de roupas da marca “Paranoid”, “Quebra Vento” e “Overdose”. Outro adolescente perguntado sobre o que faria com o dinheiro do tráfico, respondeu que “ia comprar” roupa da “Tac Tel”.

Dois adolescentes que estão passando pela primeira vez no DEGASE e que cometeram o ato infracional refere ao artigo 12 me apresentam relatos parecidos,

onde falam que o dinheiro que conseguiram obter em uma semana no tráfico foi todo ele gasto rapidamente. Um deles me fala o seguinte: “... comprei um chinelo de 30 reais, um boné e o resto só conta...”, além de comprar roupas, em três relatos, aparece também o desejo de ajudar com as despesas da casa, sendo que apenas um entrevistado coloca essa finalidade como prioritária.

Motivação discrepante à do consumo imediato, só pude perceber em duas entrevistas. Em uma delas, o informante me fala que com o dinheiro adquirido em assaltos, comprava eletrodomésticos: “...se um dia eu pensar em sair da favela já tenho tudo comprado. Tenho geladeira, armário, tv, fogão”.

O outro adolescente apresenta como motivação o desejo de “comprar uma moto, fazer um quartinho um telefone...” Essas duas falas, as únicas que não expressam o desejo de acesso ao consumo imediato, possivelmente são reveladoras do desejo de obter uma casa, algo que em nossa sociedade simboliza o mínimo dos direitos políticos e da cidadania.

A recorrência principal, destacada nesse tópico, o uso de dinheiro para o consumo de roupa de “marca” pode ser significativo de como esses adolescentes pensam a sua inserção subjetiva no mundo. A roupa seria a busca de um status? A busca de pertencimento a grupos sociais? Prosseguiremos o trabalho a atentos a essa questão.

### **Opção pelo Ato Infracional Como Script de um Drama**

No momento do delito o adolescente está vivenciando um momento, que em grande parte dos casos, é o produto de uma trajetória repleta de fatos transtornantes. Muitas vezes se trata de um roteiro de vida, pontuado por fugas para rua, um nomadismo que se expressa também na passagem por vários núcleos residenciais.

Aqui não se buscará a reconstituição de trajetórias, o que possibilitaria uma visão panorâmica de como se articulam os diversos fatos que foram descritos acima. Aqui procuro apenas demonstrar que a opção pelo ato infracional não se configura sem gerar conflitos pessoais nos adolescentes. Aqui apontamos dois aspectos: a negação da intencionalidade do ato infracional e a alternância de tipos de atos infracionais praticados.

## **A Negação da Intencionalidade do Ato Infracional**

Verificamos esse dado em quatro relatos. O adolescente nega a intencionalidade do ato infracional como algo que tenha sido refletido, pensado com anterioridade ao momento do delito.

Esse aspecto aparece na fala de um adolescente que me descreve o seu ato infracional, o assalto a um ônibus, como algo que foi decidido na hora:

*“Tava lá na praça, vimos lá os colegas zoando, a gente queria zoar no parque mas não tinha dinheiro. Eu não quis ir em casa, se eu fosse em casa eu pegava o dinheiro, mas fiquei com medo do meu pai não deixar eu voltar. Por isso resolvemos assaltar um ônibus”*

Perguntei sobre a arma utilizada no assalto e ele me deu a seguinte resposta: *“já tinha a arma, compramos um “trinta e dois” de um pivete na Central. Ele vendeu por cinquenta reais.”* Descrevendo o assalto ele fala o seguinte: *“rendemos só o trocador. Senti um bocado de pavor. Planejamos nada não, o primeiro ônibus que veio a gente panhamos.”*

Em outro relato que pude obter, um adolescente de classe média me conta que ao ir visitar a namorada acompanhado de um amigo, resolveram no caminho passar em uma locadora de vídeo. Ele e o amigo assaltaram a locadora. Segundo o relato, a decisão de participar do assalto se deu no momento em que o amigo puxou uma arma de brinquedo e rendeu os funcionários da loja.

Nesses dois depoimentos, como em outros que tenho posse, nos chama atenção o fato de que o ato infracional surge na fala desses adolescentes como uma espécie de “um raio que aparece em dia de céu claro”. Opto por não considerar que se trate de dissimulação desses jovens, e sim, que a negação da intencionalidade do delito e um indício do conflito interno que vivem alguns adolescentes, que ainda não consolidaram a opção por praticas infracionais como roteiro de vida.

## **Alternância de Tipos de Atos Infracionais Praticados**

Dois adolescentes me dizem que decidiram mudar o ato infracional, do tráfico para o furto ou roubo, buscando dessa forma, não permitir que a figura familiar que representa o referencial afetivo tome conhecimento do delito. Isso se explica pelo fato de que esses atos infracionais são praticados fora da área onde residem os adolescentes. Destaco também que aproximadamente metade dos meus informantes ao descreverem o primeiro ato infracional e a primeira vez que passam pelo DEGASE, dizem que sofrem quando os pais tomam conhecimento do delito, em particular a figura materna.

## **A FORMA DA AÇÃO POLICIAL: POSSÍVEL POTENCIALIZADOR DA VIOLÊNCIA**

Praticamente 1/3 dos entrevistados me falam que foram “forjados” ou reclamam da violência policial. Não é possível verificar essas informações, porém duas falas me parecem bastante convincentes. Um dos meus entrevistados, que pela primeira vez está passando pelo sistema, me revela um dado curioso. Ele não nega que esteja envolvido com o tráfico, nem que tenha praticado o atual ato infracional, mas me diz que na sua segunda passagem ele foi “forjados” e me relata o seguinte:

*“Na época eu não tava traficando. Porque é assim, eu trafico,, aí eu paro e não quero mais traficar. Aí eu tava andando pela Brasil, aí o polícia veio e me parou e eles falaram: ‘não ta passando batido não’. Eles me levaram e me espancaram. Aí para não apanhar mais eu falei: ‘Po, tem um bagulho pra vocês. Vamos lá na favela pegar uma pistola duas cargas de pó de dez e um radinho. Eles cresceram o olho e foram comigo na favela. Quando chegamos lá eu vi minha mãe e corri pra perto dela , aí eu gritei: ‘não tem nada pra vocês não, eu tava trabalhando e vocês me pegaram e me bateram’.”*

Outro jovem, reincidente, que esta passando pela quinta vez pelo DEGASE, também me oferece relato semelhante. Percebi que a segunda passagem desse adolescente se devia ao artigo 12. Procedi na sua entrevista, como faço com todos que são reincidentes, pedindo que me relate cada ato infracional. Me parece verossímil, porque realmente achei estranho esse artigo 12, já que o adolescente me relata em todas as outras passagens o mesmo tipo de ato infracional: o furto de celulares.

Registro essas duas falas com o objetivo de assinalar que a ação policial estigmatizante e seletiva possa ser um elemento que favoreça o retorno a práticas infracionais pelos adolescentes.

## **MEIOS DE COERÇÃO FÍSICA COMO ELUCIDATIVOS DO PODER**

*“Chegamos enquadrando as vítimas. O amigo estava com uma granada e uma 380... Se tentar reagir a gente vai dar um tiro no meio da cara mesmo. Todo mundo passa o que tem que passar, se não passar e tapa na cara mesmo, que nem o polícia faz.”*

Percebo a referencia explícita aos meios de coerção física, as armas de fogo em pelo menos sete relatos. Dois adolescentes me descrevem prazerosamente o poder de submeter as vítimas durante a realização de seus respectivos assaltos. Um outro adolescente de 12 anos me fala que já possuía a arma que utilizou para cometer um homicídio anteriormente, com o objetivo de “fazer segurança” da barraca onde um amigo adulto vende cds. A arma teria também a utilidade de permiti-lo proteger a família das ameaças que sofria da vítimas.

Para se defender das agressões que sofria junto com sua mãe, do seu padrasto, um outro jovem me fala que foi pedir a arma ao padrinho na “boca de fumo”.

Outro me fala do prazer que sentia em ir armado para o baile. Seja percebendo a arma como o único meio para solucionar problemas na sua vida ou com uma forma de obter status, destaco esses relatos com a finalidade de registrar que arma de fogo e um dos elementos simbólicos da “vida do crime” que mais fortemente impressionam o imaginário desses jovens.

## **CIRCUNSTÂNCIAS DO DELITO**

Ao investigar as circunstâncias do momento em que o adolescente pratica o ato infracional, procura-se verificar, as causas aparentes imediatas, as explicações dadas pelo adolescente para o ato praticado e as redes sociais das quais ele participa.

Destaco topicamente algumas recorrências que correlacionadas podem favorecer a prática do ato infracional.

### **Escola**

Percebe-se no quadro anexo o dado da baixa escolaridade. No momento do ato infracional, 26 dos 29 informantes se encontram fora da escola. Entre os 3 que estão estudando, 2 deles são acusados de mandar fechar a mando do tráfico o comércio no dia 30 de setembro. Os dois negam que estejam envolvidos. O outro adolescente que está estudando é um jovem cujos dados pessoais são discrepantes dos outros entrevistados. Trata-se de uma adolescente de classe média que sempre estudou em escolas particulares, cuja renda familiar presumida é de 5.000 reais.

Os motivos da evasão escolar são vários, mas poderíamos destacar, a falta de estímulo no ambiente familiar, o trabalho cedo no mercado informal e o uso de drogas entre outros.

### **Mercado Informal**

Conforme os dados tabulados na tabela em anexo, sobre as ocupações dos adolescentes entrevistados, percebe-se que o maior número de casos é aquele em que o adolescente trabalha no mercado informal. Nenhum dos nossos informantes se encontra no mercado formal de trabalho no momento do delito ou já possuiu emprego em que gozasse de proteção trabalhista. Muitos relatos, principalmente o de jovens que ainda não estabeleceram um alto grau de comprometimento com o ato infracional, intercalam a participação no tráfico ou a prática de furto ou roubo, com a

volta ao mercado informal. Porém, o trabalho precário ou o mercado informal não se constituem em uma opção consistente ao ato infracional e muitas vezes o adolescente opta por voltar a praticá-lo.

Percebemos nos relatos que o adolescente procura no mercado informal muitas vezes o mesmo que no ato infracional, a saber, o acesso imediatista ao consumo. Em geral utiliza o dinheiro proveniente das duas práticas da mesma forma, consumindo roupas de grife ou gastando com diversão ou qualquer outra forma de consumo imediato.

Como já assinalou Michel Misse, o mercado informal de mercadorias lícitas se encontra em uma posição fronteira com o mercado informal de mercadorias ilícitas. O quadro de desemprego estrutural que afeta esses jovens e seus pais pode se constituir em um dos fatores que favorecem a opção pelo tráfico ou por outros tipos de ato infracional. É fundamental destacar que em três relatos obtive informações de que em algumas favelas o adolescente que é candidato a uma vaga no tráfico tem que entrar em uma espécie de fila porque faltam vagas na “boca de fumo”.

### **Nomadismo**

Um dos meus entrevistados me conta que mora com a sua cunhada e os familiares dela. Seu irmão mais velho que era casado com essa mulher, está morto devido a sua participação no tráfico. Originalmente esse informante morava com a mãe que já é falecida. O pai biológico não registrou esse jovem e o núcleo residencial original desse adolescente era considerado pelo seu pai como uma segunda família. O adolescente me conta que já tentou morar com o pai, mas era espancado pela madrasta. Depois de viver nesses dois núcleos residenciais, resolveu seguir o irmão mais velho que estava na “vida do crime” e foi morar junto com ele e a cunhada. Após o irmão ser assassinado, continuou morando com a cunhada e os seus familiares. A cunhada se transformou em seu principal referencial afetivo.

Encontro experiências similares em pelo menos quatro outros relatos, sendo que em dois casos se soma ainda a passagem pela rua como um dos itens desse roteiro. Sublinho que não se trata aqui de adolescentes que vivem na rua, como pude

encontrar dois entre os meus entrevistados, mas de adolescentes que passam pela rua em algum momento de suas vidas.

Acredito que aqui se encontram, contribuindo para o delito alguns fatores já apontados anteriormente. A ausência da figura paterna, a figura do infrator na família, a cisão ou esgarçamento das relações familiares conjugadas a uma trajetória nômade que decorre desse quadro.

### **MOTIVOS PARA A OPÇÃO DOS ATOS INFRACIONAIS REFERENTES AOS ARTIGOS 155 E 157 DO CÓDIGO PENAL**

Quando percebemos que os adolescentes que praticam o ato infracional referentes aos artigos 155 e 157 do código penal, possuem características comuns no que diz respeito à extração social e a todas as demais variáveis que listamos nesse relatório, daqueles que cometem o ato infracional referente ao artigo 12, resolvemos investigar qual o sentido que a prática do roubo e do furto tem para esses adolescentes. O que justifica a opção por esses delitos e não pelo tráfico.

Percebemos o surgimento da seguinte recorrência: em duas entrevistas, a opção pelo roubo se justificaria pelo maior rendimento propiciado por esse delito em relação ao tráfico: *“ganho mais roubando, já foi tempo em que o tráfico dava dinheiro, agora não dá mais”*.

Outro adolescente me diz: *“não trafiquei, porque roubar dá dar mais dinheiro. Já é um dinheiro certo. No tráfico tem que passar ma carga, se não passar tem que esperar outro dia”*.

A idéia de estar livre de cobrança, de ter mais autonomia pode ser percebida nesta fala: *“trabalhar pra ficar que nem camelo, carregando peso? Por isso não gosto do tráfico, ficar sendo mandado”*.

Uma outra fala singular merece destaque. O adolescente nos oferece o seguinte raciocínio, quando questionado se nunca pensou em traficar ao invés de roubar: *“bandido é uma coisa, assaltante é outra. Bandido é pior, por qualquer coisa mata, assaltante não, tá ali só pra panhar o dinheiro. Só mata se reagir.”*



Encontro nessa fala uma terminologia produzida por um adolescente transgressor que procura estabelecer um diferencial de significante para o seu tipo de ato infracional. Seria isso apenas uma escala de crueldade? No decorrer do trabalho estaremos atentos para perceber se há recorrências nesse tipo de representação.

### **Consumo de Drogas Ilícitas**

O consumo de drogas ilícitas é um aspecto que está presente em quase todos os relatos. Nas 18 entrevistas em que abordamos essa questão, 15 adolescentes disseram fazer uso da maconha. Em apenas 3 casos obtive relato do uso de cocaína, mas apenas um adolescente me diz fazer uso regular dessa substância. Os outros me falaram que fizeram uso uma única vez. Alguns adolescentes parecem ter alguma consciência do efeito nocivo das drogas, tanto para saúde quanto socialmente. Assim, um dos informantes me fala: "... saí da escola porque usava muita droga, desde os 8 anos", outro, em um certo momento do relato me fala que não lembrava mais nada de sua infância, afirmando que isso é decorrente da cocaína ter "destruído" o seu cérebro.

Sobre a cocaína, percebo que a visão mais comum dos adolescentes é a de que ela tem um efeito destrutivo. Muitas vezes, se referem a exemplos de pessoas próximas que tiveram problemas graves com o uso dessa substância. O uso de tiner foi indicado pelos dois adolescentes que moram na rua. Destaco que somente dois adolescentes disseram não fazer uso de nenhuma droga ilícita.

A principal recorrência, a mais significativa diz respeito ao uso da maconha. A maioria dos jovens que fazem uso dessa droga fazem referência a regularidade do consumo. Em mais de uma vez, ouvi afirmações desse tipo: "só não to fumando porque eu to aqui agora" ou "eu fumo toda hora". Devido à incidência muito alta do consumo da maconha e de em todos os casos esse uso preceder a prática do ato infracional, resolvi atentar para os sentidos do consumo e para a possibilidade do uso dessa substância se constituir em um indutor para o delito ou uma espécie de ponte para a socialização em um meio delinqüencial.

Possuo relatos que falam do uso da maconha no momento do delito como por exemplo, em um homicídio praticado por um adolescente de 12 anos e também no

assalto a um restaurante em que o adolescente me conta que estava “viajando” no momento do ato infracional.

Aqui faço citação a apenas um relato que me parece revelar que o uso da maconha pode ser um facilitador de acesso a redes sociais que levem ao delito:

*“A primeira vez foi no castelo... Eu andava muito pera aquela área. Tinha amigos que ficavam ali. Uns meninos de rua, outros não. Eu ia me encontrar com aqueles garotos, às vezes eu ficava fumando uma maconha com eles. **Eu via os garotos roubando, aí eu pensei que ia se dar bem.** Um dia eu trouxe um facão de casa e me escondi na árvore. Eu tava sentado no buraco do TRT e encontrei um garoto cheiradão de cola. **Aí perguntei: vamos roubar um? Ai ele falou: já é. Dei o facão para eles e eles pegaram a bolsa de uma mulher e correram...**”*

O destaque que dou nesse tópico a alta incidência do uso da maconha pelos meus informantes se deve ao fato de eu considerar esse dado muito importante, em particular, quando percebemos uma certa tolerância em nossa sociedade ao uso da maconha, considerada uma droga leve. Pelos relatos que obtive, suponho que as redes de sociabilidade construídas e facilitadas pelo consumo da maconha por parte da juventude pobre pode se constituir em um dos fatores que favorecem a prática do ato infracional.

## Atividades Desenvolvidas pelos Adolescentes

- ENTREVISTA 1° = Engraxa sapatos, perdeu o instrumento de trabalho no mercado informal;
- ENTREVISTA 2° = biscate na casa dos outros;
- ENTREVISTA 3° = biscate na casa dos outros;
- ENTREVISTA 4° = catador de alumínio;
- ENTREVISTA 5° = trocador de Kombi;
- ENTREVISTA 6° = vendedor de banana;
- ENTREVISTA 7° = balconista e ajudante de pedreiro;
- ENTREVISTA 8° = ajudante de pedreiro;
- ENTREVISTA 9° = trocador de Kombi, atualmente trabalha na barraca do tio, na feira;
- ENTREVISTA 10° = vendedora de bala na central, babá, balconista;
- ENTREVISTA 11° = trabalhou de balconista dois meses;
- ENTREVISTA 12° = trabalha fazendo biscate no mercado;
- ENTREVISTA 13° = trabalha em firma de bloco;
- ENTREVISTA 14° = trabalhou em carpintaria e na feira;
- ENTREVISTA 15° = nunca trabalhou;
- ENTREVISTA 16° = trabalha no hortifruti fazendo entregas;
- ENTREVISTA 17° = vendedor de refrigerante (atual);
- ENTREVISTA 18° = aprendiz de mecânico com o pai;
- ENTREVISTA 19° = trabalhou como zelador e servente de obra;
- ENTREVISTA 20° = vende bala no trem;
- ENTREVISTA 21° = mesada.

## ESCOLARIDADE DOS ADOLESCENTES

ESTA É A DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA DAS SÉRIES ESCOLARES ENTRE OS ADOLESCENTES ENTREVISTADOS

- 1ª série do ensino fundamental = 1
- 2ª série do ensino fundamental = 3
- 3ª série do ensino fundamental = 4
- 4ª série do ensino fundamental = 4
- 5ª série do ensino fundamental = 9
- 6ª série do ensino fundamental = 3
- 7ª série do ensino fundamental = 1
- 8ª série do ensino fundamental = 1
- 2ª série do ensino médio = 1

## **Bibliografia — Inicial**

ALTOÉ, Sônia — “De ‘Menor’, o prisioneiro: trajetória inevitável”. Rio de Janeiro, Ed. Universitária, Santa Úrsula.

“Infâncias Perdidas” — Rio de Janeiro, 1990.

ANTUNES, Ricardo — “Adeus ao trabalho”: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BARATTA, Alessandro — “Criminologia crítica e crítica do direito penal” — Rio de Janeiro, Freitas Bastos, Instituto Carioca de Criminologia, 1999.

BAUNAM, Zigmunt — “Globalização: as conseqüências humanas” — Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1999.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri — “Crianças e adolescentes no centro da cena: trajetória e consolidação de um grupo de pesquisa”.

BENSAID, David — “Marx, o intempestivo”, Rio de Janeiro — Civilização Brasileira, 1999.

BOURDIEU, Pierre Et alii — “A profissão de Sociólogo” — Rio de Janeiro — Ed Vozes, 1999.

CÓDIGO PENAL, Ed. Saraiva, 2001.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Ed. Saraiva, 2001.

ELIAS, Nobert — “Os estabelecidos e os outsiders”, Rio de Janeiro — Ed. Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel — “Vigiar e punir” — Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1999.

KURZ, Robert — “Os últimos combates” — Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1999.

MAFESOLI, Michel — “O tempo das tribos”, Rio de Janeiro — Forense Universitária, 2000.

MISSE, Michel — “As ligações perigosas: Mercado informal ilegal, Narcotráfico e Violência no Rio de Janeiro” — Contemporaneidade e Educação, Ano 2, nº 1, pp. 93-116, Rio de Janeiro, 1997.

“Crime e pobreza: Velhos enfoques, Novos problemas”. in: Villas-Boas, G. e Gonçalves, M. A. (orgs.), O Brasil na virada do século. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

MISSE, Michel e MOTTA, Dilson — “Crime: o social pela culatra” — Rio de Janeiro, Achiami/Socii, 1979.

MOTTA, Dilson. Et alli — “Delinqüência juvenil na Guanabara: uma introdução sociológica” — Rio de Janeiro, Tribunal de Justiça da Guanabara e Juizado de Menores da Guanabara, 1973.

MOTHÉ, Márcio — Medidas Sócio-Educativas.

SILVA, Tomaz (org) — “Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais”.

WACQUANT, Löic — “Os condenados da cidade” — Rio de Janeiro, Revan; Fase, 2001.

“Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos” — Rio de Janeiro, Freitas Bastos Editora — 2001.

YOUNG, Jock — “A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente” — Instituto Carioca de Criminologia, vol 7, Rio de Janeiro, Ed Revan, 2002

ZALUAR, Alba —

“Teleguiados e chefes”, Religião e Sociedade, Vol. 4 n° 1, 1985.

“Nem líderes, nem heróis”, Presença — Revista da Política e Cultura, n° 13, São Paulo.

“Guangues, galeras e quadrilhas: Globalização, juventude e violência”, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.

“Condomínio do Diabo”, Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1994.

“A máquina e a revolta”, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.